

MEMÓRIA CAMPINEIRA

O MONUMENTO A CARLOS GOMES NAS “ESTÓRIAS” DO POVO

Júlio MARIANO

Tendo falecido a 16 de setembro de 1896, em Belém do Pará, o Maestro Antônio Carlos Gomes, Campinas, sua cidade natal, não se limitou a pranteá-lo; rogou também que lhe fosse entregue o seu corpo, para que, como preciosa relíquia, pudesse ser reverenciado pela gente campineira. A pretensão, considerada justa, não deixou de ser atendida. Assim foi que a 24 de outubro daquele ano recebia Campinas o corpo de seu ilustre filho, que na falta de uma sepultura apropriada no então novo Cemitério da Saudade, foi recolhido provisoriamente no jazigo perpétuo da família Ferreira Penteado, com o consentimento do membro daquela família, Joaquim Ferreira de Camargo Andrade, Barão de Ibatinga.

Após isto, nove anos se escoaram no tempo antes que no bronze e na pedra de um monumento-túmulo, erguido na pequena praça Antônio Pompeu, se perpetuasse a homenagem de Campinas ao seu filho ilustre. A escolha do local para o monumento fora feita pelo próprio Rodolfo Bernadelli, o artista que esculpiu a majestosa estátua.

Isso é o que afirmam os cronistas e consta em inúmeros escritos.

No entanto, nas estórias do povo, da gente simples e sem alfabeto, de dantes, chegadas até nós por via da tradição oral, os fatos relacionados com o monumento são narrados de modo diferente. A primeira estória que ouvimos em nossa distante meninice e de pessoas

já entradas em anos, contava que a escolha do local, para o citado monumento, se fizera de conformidade com as vontades do próprio Maestro, que, embora morto e sepultado no Cemitério do Fundão, ali costumava ser entrevistado com a sua vasta cabeleira ondulando ao vento em horas mortas da noite... Segundo os narradores, aquele pedaço de chão do Largo da Matriz Velha era particularmente saudosos a Carlos Gomes, porque, quando moço, ali fez muitas serenatas juntamente com o mano Juca, e daí a razão das constantes visitas de seu espírito ao local...

Estória de assombração, ela se junta a esta outra, que recolhemos posteriormente de pessoa octogenária:

Sepultado que fora o corpo de Carlos Gomes no jazigo dos Ferreira Penteado, houve quem com o fato não concordasse, talvez porque não fora consultado: tratava-se justamente do finado Joaquim Ferreira Penteado, progenitor do Barão de Ibitinga e ali sepultado desde o ano de 1884. Esbravejando e demonstrando de modo violento a sua oposição à partilha do jazigo com um defunto estranho à família, o velho Joaquim Ferreira Penteado, brandindo o seu espadagão de oficial da Guarda Nacional e Comendador da Ordem Imperial da Rosa, de quando em vez atropelava do jazigo Carlos Gomes, que, de lá do Cemitério do Fundão vinha parar no Largo da Matriz Velha...

A provável origem dessa lenda folclórica deve ser a propalada braveza dos Ferreira Penteado, que na boca do povo se tornou tradicional, a ponto dos Joaquins da família serem geral e respeitadamente chamados de “Nhô Quim Bravo”. Aliás, em se demorando os olhos na estampa do venerando e benemérito Joaquim Ferreira Penteado, Barão de Itatiba, que ilustra o valioso trabalho do historiador Teodoro de Souza Campos Júnior na **Monografia histórica de Campinas**, chega-se à conclusão de que, autêntico “homem bom” e filantrópico da velha Campinas, Ferreira Penteado, pela carranca, não seria de facilitar intimidades com quem quer que fosse, até mesmo no túmulo. Por outro lado, também não deixa de ser verdade o provérbio quando diz que quem vê cara não vê coração...

(Badulaques, 63-64. São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979).